

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (*Per*)*curso*s da graduação em História: *entre a iniciação científica e a conclusão de curso*, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

PAULO ROBERTO SILVA GOMES

**INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO, OS DESAFIOS
DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO SECULAR.**

UBERLÂNDIA, MG
2017

PAULO ROBERTO SILVA GOMES

**INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO, OS DESAFIOS
DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO SECULAR.**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

UBERLÂNDIA, MG
2017

PAULO ROBERTO SILVA GOMES

INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO, OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO
CONTEXTO SECULAR.

Monografia apresentada como exigência
parcial para obtenção do título de Bacharel
em História pela Universidade Federal de
Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

Uberlândia, 18 de dezembro de 2017

Prof^a. Ms^a. Denise Nunes de Sordi (Universidade Federal de Uberlândia)

Prof^a. Ms^a. Pâmela Aparecida Vieira Simão (Universidade Federal de
Uberlândia)

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais (Universidade Federal de Uberlândia)

Dedico este trabalho em primeiro lugar ao autor da vida, a meus familiares, colegas de luta e em especial a Dona Ordália e minha esposa Márcia que em momentos cruciais no decorrer da jornada universitária, com sua experiência de vida me ajudou a não desistir. Ao amigo Agnaldo Bertucci pelas loucas intervenções e propostas desafiadoras que também motivaram a continuar até o fim.

"As desigualdades sempre existiram, mas de vários séculos para cá se acreditou que a educação podia restabelecer a igualdade de oportunidades. Agora, 51% dos jovens diplomados estão desempregados e aqueles que têm trabalho têm empregos muito abaixo das suas qualificações. As grandes mudanças na história nunca vieram dos pobres, mas da frustração das pessoas com grandes expectativas que nunca se cumpriram." (Zygmunt Bauman)

RESUMO

A pesquisa apresentada tem por objetivo mostrar a importância de analisar os sentidos de educação, informação e conhecimento dentro do âmbito educacional. A análise e comparação entre a informação e o conhecimento analisadas como forma de entender os posicionamentos da sociedade atual onde a pauta da educação vem sendo motivo de constantes avaliações com reflexões de professores, doutores em educação, e pessoas do senso comum que analisam os efeitos do processo educativo na vida social e individual dos seres humanos. Informação e conhecimento são conceitos fundamentais na interpretação dos acontecimentos na área educacional e necessários para entender as transformações sociais que vem contribuindo com a mudança de paradigmas relacionados com a sociedade em que vivemos.

Palavras-chave: Desafios da educação. Informação e Conhecimento. Escola.

ABSTRACT

The present research aims to show the importance of analyzing the meanings of education, information and knowledge within the educational scope. The analysis and comparison between information and knowledge analyzed as a way to understand the current society's positioning where the educational agenda has been the subject of constant evaluations with reflections of teachers, doctors in education, and common-sense people that analyze the effects of educational process in the social and individual life of human beings. Information and knowledge are fundamental concepts in the interpretation of events in the educational area and necessary to understand the social transformations that have contributed to the change of paradigms related to the society in which we live.

Key words: Challenges of education. Information and Knowledge. School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Livro de história - decreto 8.094 de 22 Dezembro de 1927	17
Figura 2 - Revista do Ensino, nº 37, abril de 1956.	19
Figura 3 - História do Brasil - 1ª Série Ginasial	20

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1. PRIMEIROS PASSOS - LIVROS DIDÁTICOS	131
1.1 O LIVRO DIDÁTICO	15
2. O UNIVERSO DA EDUCAÇÃO	25
2.1 A PALESTINA E OS LIVROS ESCOLARES	26
2.1.1 DOCUMENTÁRIO: ESCOLARIZANDO O MUNDO	27
2.1.1.1 DOCUMENTÁRIO: GRANITO DE AREIA	29
3. ADOLESCENTES, TRABALHO E A GERAÇÃO DO “EU ME ACHO”	33
4. EDUCADORES, PENSADORES E SISTEMA DE EDUCAÇÃO	38
5. EDUCAÇÃO GLOBALIZANTE OU GLOBALIZADA	41
6. A SOCIEDADE E O TEMPO RECONFIGURADO	45
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	54

APRESENTAÇÃO

A educação como um todo é um oceano de discussões e possui em seu contexto possibilidades diversas de análises e compreensões. Defini-la não é algo simples e concreto, pois seus aspectos assim como sua estruturação elencam áreas da subjetividade bastante complexas.

O conceito de educação que me foi transmitido é que a palavra seria:

Do latim *educare, educere*, que significa literalmente “conduzir para fora” ou “direcionar para fora”. O termo latino *educare* é composto pela união do prefixo *ex*, que significa “fora”, e *ducere*, que quer dizer “conduzir” ou “levar”. O significado do termo (direcionar para fora) era empregado no sentido de preparar as pessoas para o mundo e viver em sociedade, ou seja, conduzi-las para “fora” de si mesmas, mostrando as diferenças que existem no mundo. (Dicionário Etimológico,2008)

Desde a Grécia antiga com a criação do primeiro espaço de estudo, o homem se preocupa em obter conhecimento. A educação não esteve sempre voltada para a construção do indivíduo desde seu nascimento. O acesso inicial se devia aos adultos tanto que, na criação do primeiro modelo de ensino conhecido como ACADEMIA lia-se em seu pórtico a seguinte frase: “Aqui não entre quem não sabe geometria” (ROCHA, 2004)

Porém, a educação sofisticada já possuía adeptos e professores que, por certa quantia de dinheiro, manutenção ou moradia, tinham o ensino como profissão desde meados do século V. AC.

A definição que se processa no termo em voga seria conduzir para fora aquele que ainda não é capaz de falar, ou seja, seria levar o inculto a uma situação de conhecimento. Na educação infantil as formas e métodos educacionais variam,

pois, reúnem em média 16 anos de vida onde a construção do indivíduo transcorre da mais tenra idade ao início da formação adulta. Pode se dizer então que a educação inicia-se em casa e ao longo dos anos vai sendo adaptada ou cooptada por novos agentes de informação e, quem, seriam estes e como se realiza esta passagem do ambiente familiar para o escolar? Este e outros assuntos foram sendo aglutinados na medida em que o tema educação ia aparecendo no contexto dos cursos, textos e conversas na graduação e foram alimentando gradativamente a ideia de entendimento mais aprofundado sobre escola, informação e conhecimento e seus processos que ampliaram esta teia que envolve a educação em todo o mundo.

São estas algumas questões que desde o ano de 2008 tem sido uma constante no pensamento de docente em que me submeti. Por estas e outras razões que me interessei pelo tema e pelo sistema de aplicação do ensino como um todo visto que sempre ouvimos através dos diversos veículos de comunicação que a educação e seus índices vão mal no país apesar dos investimentos e projetos constantemente apresentados.

No decorrer da jornada, vários momentos de encontros e desencontros sobre o tema da pesquisa inicial foram surgindo e, parecia que um gigantesco quebra cabeças se formava. Entrevistas, textos, discussões e produções lidas pareciam não fazer sentido.

Por isto através de uma estrutura de somatória de documentações de diversas formas apresentadas, tentei concatenar neste trabalho a formulação de ideias para a produção desta pesquisa. A organização não foi feita sequencialmente ao desvelamento das ideias, mas, acredito que a construção por capítulos deverá alcançar a reflexão do assunto a níveis desejáveis. Para tanto se fez necessário o uso de textos acadêmicos ao longo do curso como: Infância, Entre Educação e filosofia (OMAR, 2003, p. 60-95), consultas ao texto Fazer Universidade; Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem, Autonomia ou Flexibilização: O Atual Dilema Profissional Docente (MARQUES, 2000, p. 218), Investigação sobre a

atualização docente no ensino superior (MALUSÁ & FELTRAN, 2003) dentre outros materiais como os videodocumentários que também foram sendo utilizados como fonte de pesquisa por entender que contribuíram com o desdobramento do tema. Videodocumentários como Granito de areia (2005), Escolarizando o Mundo (2013), Os palestinos nos livros escolares de Israel (2013), e palestras e entrevistas sobre o tema como a do Professor Antonio Nóvoa, Jorge Larrosa, Rubem Alves (2017), Zygmunt Baumam (2015).

No capítulo primeiro tratei sobre o livro didático que nos apresentam as maneiras como se buscavam conhecimento no Brasil e também no mundo. Já no segundo capítulo, procurei apresentar as influências externas que envolvem o processo educacional e suas transformações com relação à educação informação e conhecimento; no terceiro capítulo, discorro sobre a relação dos alunos com os pais, a docência e o mercado de trabalho e seus reflexos na sociedade. No capítulo quarto, o assunto tratado foi o sistema de educação e os desafios docentes diante da globalização e no quinto capítulo busco refletir sobre as transformações sociais e do mercado de trabalho e suas consequências no mundo pós-alfabético. Já no capítulo sexto, abordo as mudanças no sistema de ensino e o futuro da educação em um tempo reconfigurado.

1. PRIMEIROS PASSOS – LIVROS DIDÁTICOS

Logo no início dos estudos sobre os processos de educação, me deparei com um trabalho sobre livro didático. Algo que me chamou a atenção, pois desconhecia a importância deste instrumento de educação em pleno século XXI, na era da informática, celulares, tablets, etc.

A busca pela sabedoria, pela produção do conhecimento sempre esteve voltada à pesquisa e não pelo saber acrítico. A busca por conhecimento deve suplantiar a erística, pois, se isto não ocorrer não se produz conhecimento algum e, também não deve se limitar a polimatia, pois seria considerado estático e não mutável uma vez que a evolução, as ciências e as novas descobertas no espaço e no tempo vão ampliando gradativamente o saber.

Os processos do conhecimento dentro dos ambientes de ensino foram e continuam sendo modificados de tempos em tempos, de lugar em lugar e com conotações dentro e fora do ambiente escolar produzindo em cada lugar um tipo de conhecimento direcionado ou não, selecionado ou não, pois a educação está sempre vinculada à manutenção de poder ou dominação.

Os sofistas, homens conhecidos como sábios e, que em Protágoras tiveram um dos seus grandes expoentes, foram reputados como grandes mestres e, grandes quantidades de jovens bem-nascidos, com disponibilidade financeira se submetiam aos seus ensinamentos sendo qual fosse este ensino. Buscavam fundamentalmente a Areté (virtude), pois era esta a condição indispensável para se tornar cidadão bem-sucedido naquela época (séculos V A.C. ao IV A.C.).

Bem, depois dos processos da sofística, aparece à primeira imposição ao ensino além das questões financeiras; que segundo a inscrição na Academia de

Platão (Rocha, 2004) causa a primeira ruptura no processo educacional mencionada.

A produção do conhecimento passa a depender de um saber já adquirido, não absorve leigos ou ignorantes iniciados no processo educacional.

Sócrates foi o iniciante das questões do pensamento, conhecimento e pesquisa que acredito ter se aproximado de um conceito de educação embora desconheça que tenha cunhado conceito sobre ela. Sua conhecida frase: 'só sei que nada sei' que é de conhecimento de todo o senso comum não o apresenta como alguém que busca conhecimento e sim alguém que se considerava ignorante. Porém, ao analisar o seu método que buscava vir a conhecer, a dimensão de educação e conhecimento ampliam-se grandemente.

Ao longo das pesquisas, foram se consolidando ideias, entendimentos e constatações sobre o objetivo e as intenções que envolvem a educação e o conhecimento; e este sim foi o fator de motivação de todo o processo resultante desta jornada – vir a entender alguns aspectos da educação e visualizar o futuro da mesma através da informação fornecida para a produção do conhecimento.

A descrição do que foi observado tentará reproduzir gradativamente a partir dos materiais observados a difícil realidade em que se encontram os processos de educação em várias esferas da sociedade atual fazendo uma análise sobre cada ponto apresentado nesta jornada investigativa e sobre os processos históricos da educação em diversas vertentes que compuseram esta pesquisa historiográfica desenvolvida.

1.1 O LIVRO DIDÁTICO

No início do curso de História, em 2010, produzi junto com colegas um trabalho de pesquisa sobre as mudanças ocorridas nos livros didáticos a partir do ano de 1927 no Brasil. A partir da análise de um dos textos estudados de título “Ensino de História: conceitos, temática e metodologia” (ABREU; SOIHER, 2003, p. 293-324) e “Livros Didáticos entre Textos e Imagens” (BITTENCOURT, 2005, p. 69-90) encontrados sobre o tema. A abordagem envolveu as mudanças estéticas, políticas e sociais da educação brasileira apresentada de diversas formas e em diversas situações. Inicialmente o trabalho tinha a intenção de tratar apenas sobre o tema da Independência do Brasil nos livros didáticos e com o aprofundamento das pesquisas optamos por este tema em questão – O livro didático. As mudanças e as condições do ensino além das diferentes formas e intenções de se obter o ensino no país foram também preponderantes nas escolhas. As fontes de pesquisa iniciais foram basicamente sites da internet, o CDHIS-UFU (Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia) e a Escola Estadual Professor Guiomar de Freitas Costa na cidade de Uberlândia-MG, onde tivemos acesso ao material didático que foram distribuídos aos alunos para o ano letivo de 2012.

Como o texto analisado por nós colocava a par de conceitos, temáticas e metodologia, acordamos em procurar mais fontes nas bibliotecas externas ao campus e escolas. Com isto, passamos a observar outras situações que envolviam o processo educacional como formas de ministração de aulas, influências nas políticas educacionais e até o direcionamento que se pretendia dar as populações no tocante à educação. As mudanças nos livros tiveram influência direta no processo de formação política da nação e desta forma foi confirmado que realmente o ensino teria a função formativa ou indutiva de caráter.

A educação era tradicional, limitava a criação, o pensamento crítico e procurava moldar o indivíduo e encaixá-lo no modelo que a sociedade exigia: o mecanicismo.(ROMAGNANI, 2008)

Posteriormente, obtivemos a mesma constatação. A questão da identidade nacional que ainda era fator de preocupação no país.

As pesquisas nos levaram a conhecer um pouco mais sobre o livro didático de forma geral. A história do livro didático começa em meados da segunda metade do século XX. Segundo Oliveira,

No século XIX, o livro didático surgiu como um adicional à Bíblia, até então, o único livro aceito pelas comunidades e usado nas escolas. Somente por volta de 1847, os livros didáticos passaram a assumir um papel de grande importância na aprendizagem e na política educacional. Os primeiros livros didáticos, escritos, sobretudo para os alunos das escolas de elite, procuram complementar os ensinamentos não disponíveis nos Livros Sagrados. (OLIVEIRA, 1984, p. 26)

A análise aqui proposta se tornaria bastante ampla se fôssemos observar todas as situações. Porém, é necessário sintetizar a questão para que não se desvie do tema principal que é a informação e o conhecimento.

Os “saltos” referentes às datas aqui, são propositais uma vez que em primeiro momento, a pesquisa do material seria através de fotos mostrando a confecção de livros desde a década de 1930 e posteriormente, os arquivos escritos. É importante citar que na época em que os livros eram raros, os alunos universitários europeus é que produziam seus cadernos de textos.

Com o advento da imprensa, tornaram-se os primeiros produtos feitos em série e ao longo do tempo a ideia do livro como “fiel depositário das verdades científicas universais” (DÉCIO GATTI JÚNIOR, 2004, p. 36) foi se tornado sólida.

No primeiro livro Analisado, “Pontos da História do Brasil”, percebeu-se que havia algumas normas determinadas que deveriam ser seguidas e, a partir de então começamos a discorrer sobre a importância destas e o que ou como

influenciavam o processo educativo. A forma da escrita era bem diferente da atual talvez pela influência do latim e das outras línguas que na época eram mais presentes do que hoje em nossos dias. As matérias de Grego e Latim pertenceram em dada época ao currículo escolar. Como este livro nos apresentou a primeira visão da educação antiga, o fato de estar impresso um decreto-lei a capa nos chamou a atenção.

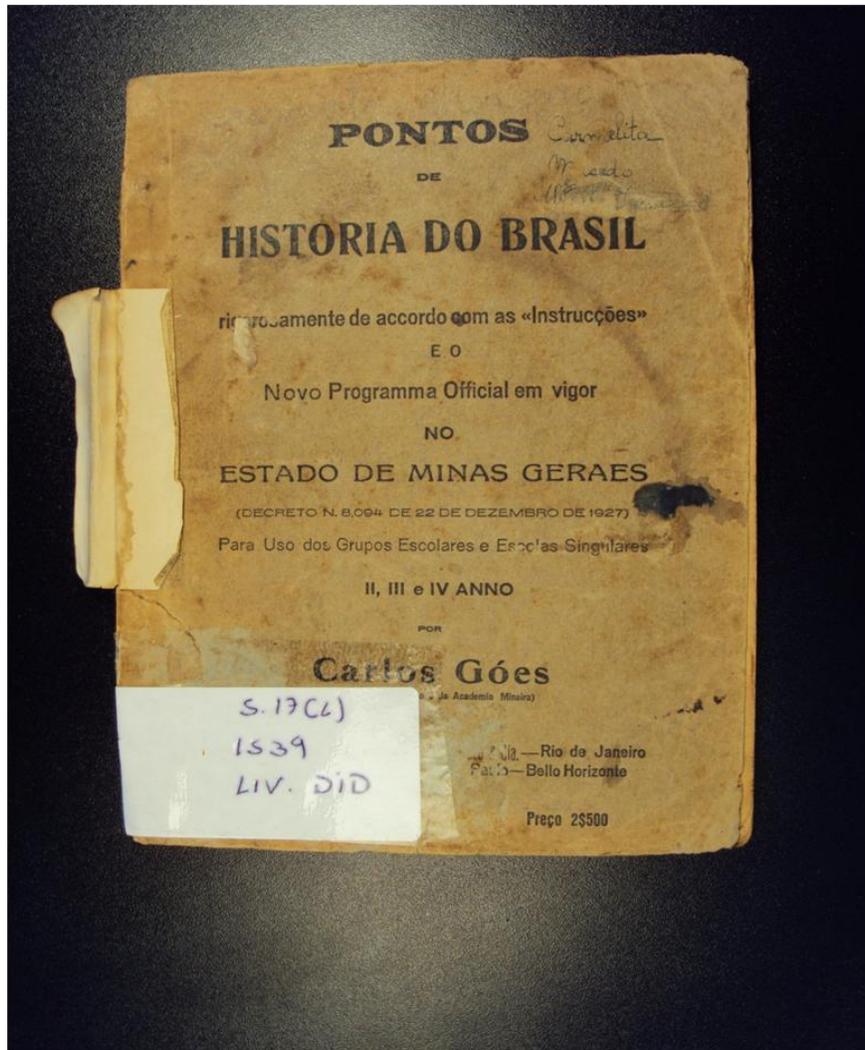


Figura 1 – Livro de história – decreto 8.094 de 22 Dezembro de 1927.
Fonte: Centro de Documentação e Pesquisa em História- UFU

A partir de então começamos a perceber que os próximos livros que vimos também possuíam este fato. Buscamos entender o motivo e pesquisamos também estes decretos. A educação possuía diretrizes governamentais.

Foi observado na leitura do texto “Ensino de História – Conceitos, Temáticas e Metodologia” (Abreu & Soihet, 2003) onde a autora trata da questão da identidade nacional se constituir um processo no país. Na educação, foi o Sr. Francisco Campos quem procurou compreender esta necessidade e as formas com que ela deveria ser implementada em determinada época. Assim, ao tentar encontrar material da época, o que foi encontrado foram referências dos decretos que regiam a educação nos períodos aos quais os livros pesquisados eram editados. Descobrimos então uma importância maior dos estados neste período. A importância de Minas Gerais na educação, seus intelectuais e suas atividades com relação à educação.

A Revista do Ensino foi outro achado interessantíssimo e importante neste relato, pois se descobriu que ela era um órgão de direcionamento e informação entre os professores mineiros. A revista foi criada no final do século XIX no governo Afonso Pena (1892 e 1894), ao realizar a primeira Reforma no ensino do período republicano. Nesse período, o Secretário do Interior – Silviano Brandão – era responsável pela educação no Estado.

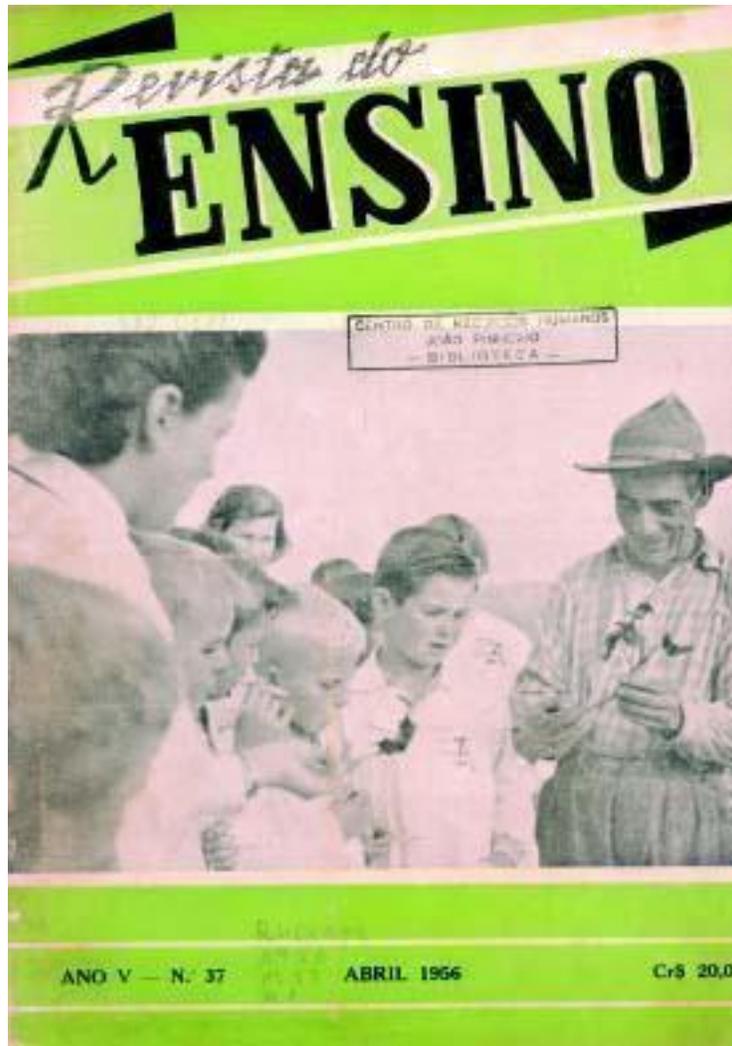


Figura 2 - Revista do Ensino, nº 37, abril de 1966.
Fonte: Repositório Institucional UFSC

Foi através da utilização da revista que Francisco Campos conheceu mais de perto as necessidades e as atividades a qual os professores mineiros estavam submetidos. O manual escolar inicia a sua transformação em livro didático a partir da década de 1960 aonde as características do livro vão se adaptando à nova realidade escolar.

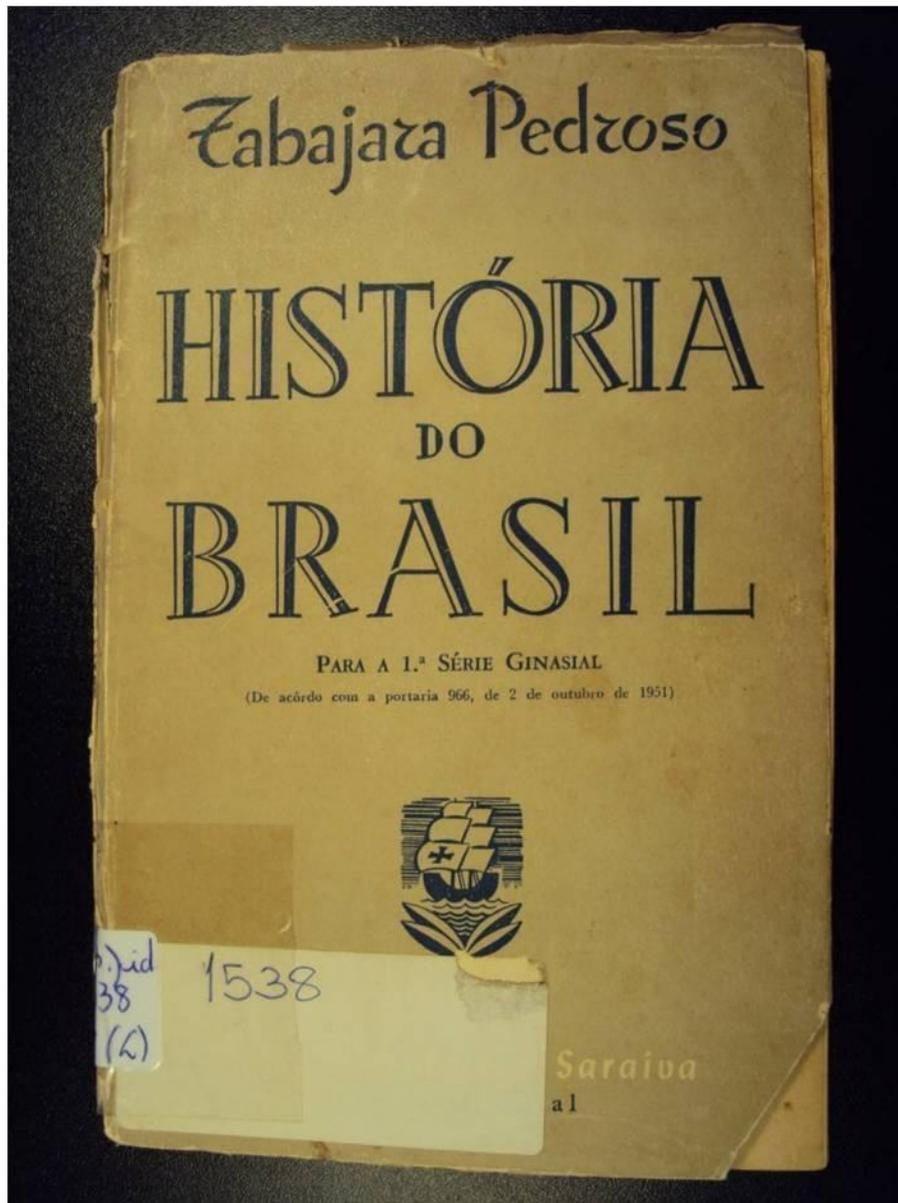


Figura 3 - História do Brasil - 1ª Série Ginásial
Fonte: Centro de Documentação e Pesquisa em História - UFU

O segundo livro “História do Brasil” de Tabajara Pedroso já apresentava os desenhos nos livros a princípio de bustos dos heróis. Há uma nova matéria chamada de "Educação Moral e Cívica" que tinha por objetivo moldar o cidadão de forma que estivesse apto a viver em sociedade. Os passos ou formas do

professor proceder nas aulas também foram colocados e apresentados de forma a manter os alunos num dado momento envolvidos pelo conteúdo transmitido. As questões de uma representação de identidade nacional eram transmitidas através da entoação do hino nacional, apresentação dos símbolos da nação etc.

O livro, em suma, mudava seu formato em alguns aspectos, porém o direcionamento do estado se fazia presente a todo o momento, pois as diretrizes da educação estão sempre a cargo de sua elaboração. As políticas de distribuição, confecção e aplicação do livro didático vêm sendo aprimoradas desde 1970, seguia-se a política de distribuição do livro aos alunos das escolas públicas. Havia grandes problemas como: divergências de conteúdo, preços altos, etc. Vários projetos foram apresentados ao governo no período de 1972 a 1981 com o objetivo de rever algumas questões que suprissem a deficiência do sistema da educação.

O decreto de fevereiro de 1976, (Decreto nº 77.107), por exemplo, estabeleceu uma distribuição de um montante de livros aos alunos carentes da rede oficial de 1º grau e responsabilizava o estado com uma parcela dos custos.

O livro então já apresenta cor, as narrativas por vezes aparecem em formas de revistas em quadrinhos, os questionários estão presentes e em alguns, as janelas de resumo.

Segue a partir de então a criação de vários órgãos com a tentativa de melhor aparelhar a educação nacional. O que podemos observar hoje é que apesar de todo aparato governamental para a melhoria do livro didático, os componentes externos ao processo acabam por contribuir para a não realização plena de suas intenções. O próprio processo evolutivo das tecnologias que foram sendo agregadas às escolas exige rápidas mudanças de formas de apresentação e conteúdo que dificultam estarem os livros em conformidade com o aprendizado. O livro didático não poderia ser um livro exclusivamente do professor e esta mudança de perspectiva deve ter tido uma grande influência nas mudanças do livro. Era

preciso modificar o produto para o consumidor-aluno e isto causaria mudanças tanto no visual como na gramática. Segundo Guiomar Namó de Mello¹, Diretora Executiva da Fundação Victor Civita, o Livro didático é o livro de uso individual do aluno, em geral “indicado” ou “adotado” pelo professor.

As novas mídias educacionais hoje já contam com as referências das fotografias, apresentam outras formas de compreensão das matérias fazendo citações de filmes, documentários sobre os assuntos estudados, etc.

Quanto aos decretos que citamos anteriormente, vimos que eles estiveram sob a tutela de ícones da sociedade política de sua época e ditavam as diretrizes as orientações e também as repressões que serviriam para se manter um padrão de cidadão que se pudesse controlar.

O decreto Lei 8094 de 1927² regulamentava o ensino de História no país. Neste período a educação tinha Minas Gerais como uma das principais fomentadoras deste processo devido às atuações de Francisco Luís da Silva Campos – conhecido também por Chico Ciência. Francisco Campos participou politicamente de duas ditaduras e através da Revista do Ensino, conseguiu em sua época reunir neste editorial os interesses, as dificuldades e necessidades dos professores de Minas Gerais e depois se tornou Ministro da Educação de 1930 a 1932. Os decretos que seguiram após esta data estavam também vinculados a uma situação ou outra de “indução” no processo educativo.

A portaria 966 de 02 de Outubro de 1954 apresentava diretrizes para se formar um cidadão aos padrões aceitáveis na sociedade. O professor deveria conduzir este aluno a ter respeito e certa adoração pelos símbolos e heróis

¹ MELLO, Guiomar Namó de. O livro didático no sistema de ensino público do Brasil. Disponível em: <<http://www.namodemello.com.br/pdf/escritos/outros/livrodidat2.pdf>>. Acesso em: 15 Out. 2017.

² Decreto N.8094, de 22/12/1927. Instruções e Programmas do Ensino Primário do Estado de Minas Geraes. Belo Horizonte – Imprensa Oficial do Estado de Minas – 1929.

nacionais. A matéria de “Educação, Moral e Cívica” foi adicionada ao currículo escolar para alcançar este objetivo. Com o passar dos anos leis e novas diretrizes foram sendo incorporadas e o professor foi se adaptando a estas condições sofrendo inclusive inúmeras represálias como as repressões vindas diretas dos diretores, inspetores e até mesmo fora do contexto escolar no período da ditadura e com a instituição do ato institucional número cinco (AI5).

Apesar de termos hoje leis diferentes como a LDB (Lei de Diretrizes E Bases da Educação Nacional) e os parâmetros Curriculares Nacionais dentre outros instrumentos, materiais didáticos diversificados como computadores, data-show, lousas digitalizadas, etc. Os livros didáticos ainda permanecem com o seu poder de atuações presentes.

Perceber que já existe uma preocupação com a confecção do livro didático em atender as exigências do meio estudantil. Observa-se também que às vezes este livro didático apresentado, é em sua maioria elaborado, pesquisado e montado por professores que estão distantes da realidade escolar das escolas públicas, pois, sua maioria é professores de escolas particulares ou ainda, pessoas que estão afastados do campo de atuação profissional onde os livros serão realmente “testados” em sua eficácia.

Ainda foi observado (observação feita quando ministrava aulas em Minas Gerais – 2012) que o material didático chegava às escolas com a data de três anos de validade. Porém, a produção é de no mínimo dois anos anteriores. Ficamos então com a seguinte pergunta suspensa no ar: Será que realmente estes livros vão permanecer sendo utilizados todo esse período de três anos?

Talvez esta realidade tenha afastado muitos alunos das escolas, pois vários meios de comunicação trazem a todo tempo notícias novas e um material defasado por um período de mais de um ano pode não ser tão atraente.

Estas e muitas outras situações são motivos para se continuar discutindo e buscando novas alternativas para se entender e modificar o processo de educação no país e talvez no mundo envolvendo diretamente e indiretamente participantes do processo. A escola como sendo o espaço de utilização do livro didático, a educação não deve ser uma passagem de tempo em um determinado local onde se busca um diploma e sim um local onde se adquire um saber coletivo que se multiplica na proporção que se solucionam dúvidas antigas e se apresentam novas, pois, o que gera o conhecimento não é o saber e sim a falta dele.

2. O UNIVERSO DA EDUCAÇÃO

Na tentativa de adquirir um maior entendimento sobre os processos de educação, informação e conhecimento no qual as sociedades ocidentais estão inseridas, foi possível observar que os fatores sociais, econômicos, políticos e tantos outros estão agregados de uma forma ou de outra nos processos educacionais tanto antigos como atuais. Estão nos livros didáticos relatos de influências da educação na ditadura fascista de Mussolini com a educação pública impondo sua doutrina à sociedade sob o tema “Crer, obedecer e combater” que era um dos lemas pedagógicos do fascismo.

À medida que o fascismo se firmava como regime de governo, ampliava-se o processo de transformação das instituições educacionais. Isto inclui, por exemplo, o lançamento de um livro didático único para as classes elementares (1929) e a militarização da vida escolar. Além da escola, os militantes fascistas criaram associações para jovens, que promoviam festas, competições esportivas, desfiles paramilitares. Em todas as ocasiões o objetivo era exaltar o respeito às autoridades fascistas e sua doutrina social. (COTRIM, 2005, p. 438)

Na Alemanha nazista também foram apresentadas doutrinas educacionais no intuito de influenciar os estudantes jovens através de um sistema semelhante ao fascista, porém, mais intensamente marcado pelo militarismo. Com controle mais rígidos no setor educacional, os professores tiveram que aprender e ensinar os princípios nazistas prestando juramento de fidelidade ao Fuhrer. O Ministro da Educação Joseph Goebbels, e educação e a propaganda possuía o lema: Uma mentira dita cem vezes torna-se verdade. (COTRIM, 2005, p.440)

Foram estas referências e citações que se encontram nos livros didáticos (em especial o citado anteriormente) que nos dão conta de que a educação é uma importante ferramenta de controle e manutenção de sistemas políticos e sociais. Apresentam-nos que o papel do professor não está tão próximo do educar como deveria e sim, subordinado a fatores diversos que lhe fogem ao controle ou por

vezes de forma imperceptível o envolve em um manto de intenções escusas ao processo de formação educativa.

2.1. A Palestina e os Livros Escolares

A escola do Oriente Médio apresentada pela professora autora do livro intitulado “PALESTINE IN ISRAELI SCHOOL BOOKS (PELED-ELHANAN, 2012)

A Palestina nos Livros Escolares Israelenses” sem tradução para o português é uma contestação inequívoca que os mecanismos ideológicos continuam direcionando a educação e conseqüentemente a vida social das nações. Se o discurso for racista, separatista entre tantas outras opções que se queira alcançar, a indústria de produção de material didático, a serviço do estado, ou de outra associação que a esteja “financiando” conseguirá através da informação condizente com seus interesses, formar o cidadão que almeja alcançar no futuro.

Nurit Peled-Elhanan, é uma professora israelense de linguagem e ~~educação da Universidade~~ Hebraica de Jerusalém e um ativista dos direitos humanos. A autora teve sua filha morta em um atentado no ano de 1997 enquanto fazia compras em Jerusalém. Desde então começou a pesquisar sobre os discursos racistas repletos de ideologias cujos objetivos seriam a manutenção do ódio. Relendo parte de uma entrevista da autora concedida no decorrer da quarta sessão internacional do Tribunal Russell sobre a Palestina (RTOP)³, percebi que também na questão entre Palestinos e Israelenses, a informação utilizada na educação de pessoas está a serviço de interesses ideológicos que formam opiniões distorcidas e, segundo ela, provocam opressão, tirania, racismo cruel e ferem a dignidade humana.

³ Evento realizado em Nova York em Nov. 2012. Disponível em: <http://www.russelltribunalonpalestine.com/en/> .> Acesso em Nov. 2015.

.Peled-Elhanan afirma que “As pessoas realmente não sabem o que seus filhos estão lendo nos livros didáticos” (Aquarius 2036, 2015), e ainda acrescenta ela.

“Uma questão que incomoda muitas pessoas é como você explica o comportamento cruel de soldados israelenses para com os palestinos, uma indiferença ao sofrimento humano, a infligir sofrimento. As pessoas perguntam como podem estes meninos judaicos agradáveis e meninas se tornam monstros, uma vez ao vestir um uniforme. Eu acho que a principal razão para isso é a educação. Então, eu queria ver como os livros escolares representam os palestinos”. (Aquarius2036, 2015)

Neste momento percebe-se que há uma diferença entre a informação dada e o conhecimento adquirido. As duas palavras não são de forma alguma sinônimas, mas, que entre uma e outra dentro do que chamamos de educação pode-se produzir ou obter resultados dos mais diversos dependendo da forma que se deseja utilizar uma ou outra palavra. Retomo aqui o pensamento sofista em relação ao método socrático de vir a conhecer. Porém a pesquisa se estende a mais locais com novos documentos.

2.1.1 Documentário Escolarizando o Mundo

Escolarizando o Mundo foi outro documentário que não se consegue saber se teve sua publicação literária aqui no Brasil. O documentário talvez tenha alcançado maior visibilidade do que a literatura em si. Em uma análise superficial do documentário pode se dizer que o sucesso do mesmo se deve a abordagem dos efeitos da globalização envolvendo o controle educacional em várias culturas pelo mundo e tendo como consequência as transformações dos valores culturais, religiosos que transforma e altera a vida das populações. Os relatos de mudanças são apresentados no sudeste da Ásia, mas, estendem-se por vários outros locais e em diferentes épocas. O documentário alcança seu objetivo de levar o espectador à reflexão sobre os caminhos, efeitos e transformações de uma educação padronizada que reforma e também deforma as culturas através de um processo de ocidentalização devastador.

A película elaborada por Carol Black⁴ inicia-se na Índia, onde apresenta o êxodo do campo para a cidade na busca de conhecimento para ascensão social e conhecimento diversificado. Apresenta também outros países que recebem a mesma informação “transformadora” em sua proposta inicial, mas, ao longo do documentário, vemos que, esta produção de conhecimento diferenciado serve, por vezes a poucos que, conseguindo mercado de trabalho, qualificação, conseguem algum êxito. Em contrapartida, apresenta também a dissolução cultural de crenças, de valores morais, sociais e também acarretam um padrão de vida diferente chegando ao ponto de esquecimento de origens ou então de uma situação de não mais condição de se colocar como um ser em seu espaço e tempo. As pessoas acabam por perder a sua própria identidade e individualidade. Uma cultura de massa homogeneizada e desacreditada e que vem contribuir para o aumento de pobreza e degradação da vida humana nas grandes metrópoles e que formam favelas com condições de vida piores do que nos locais de origem onde antes estas pessoas viviam estes fatos são abordagens também do documentário.

Torna-se evidente que existia e ainda existe um modelo de educação que segregava e também selecionava modelos e pessoas para se tornarem “educadas” e, com a apresentação da conhecida pintura de 1872 de nome “Progresso Americano” apresentada nos primeiros minutos do mesmo documentário onde uma mulher branca flutua na tela portando um livro didático ampliando postes no oeste, seguida por colonos brancos, ferrovias e assustando e colocando em fuga indígenas e animais, que isto cunha nas mentalidades um diferencial entre culturas, gera valores que de uma forma ou outra são absorvidos por uns e não absorvidos por outros.

⁴ BLACK, Carol – Schooling the World – Escolarizando o Mundo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs Acesso em 02 Jan. 2015

O contexto das duas culturas apresentadas revelam a importância de avanços tecnológicos e de instrumentos e utensílios que seriam úteis para uns e sem relevância para outros. Enquanto o indígena que tinha na terra o seu elemento principal de sobrevivência onde poderia caçar, pescar, morar enfim sobreviver com o que a própria natureza lhe propiciava, e por isso buscava preservar o seu habitat, o homem branco, com a necessidade de gerar divisas fazer fortuna, desenvolver-se economicamente e socialmente, busca a transformação deste espaço para obtenção de lucros e este também não era entendido pela outra cultura, no caso, a indígena. Este choque cultural e que gerou os conflitos de poder outrora, continuam com efeitos nocivos dentro de outras áreas da sociedade e perscrutam pela educação até os dias atuais.

Helena Norberg-Hodge, uma das entrevistadas e membro da Sociedade Internacional pela Ecologia e Cultura diz que:

Toda a narrativa do vídeo produz ao espectador um questionamento sobre os conceitos de desenvolvimento evolutivo e seus benefícios se que podemos assim dizer ou interpretar, pois relata o que governos como o americano fizeram com populações indígenas desde o século dezenove, onde até hoje voluntários abrem escolas em diferentes pontos isolados do mundo com o firme propósito de promover uma vida melhor às populações ali inseridas e que não se dão conta da quebra de paradigmas que ocorre quando se substitui os métodos tradicionais de aprendizagem de um local e substitui-se por um padrão novo e desconhecido. Este é um dos pontos de abrangência no trabalho de Black; a reflexão da educação moderna nas culturas indígenas existentes. (Black, 2010)

2.1.1.1 DOCUMENTÁRIO: GRANITO DE AREIA

Em outro momento da pesquisa, o documentário Granito de Areia⁵ nós encontramos com o mesmo advento da educação agora mais voltado a América Central mais precisamente no México onde a luta de camponeses por uma

⁵ “Grain of sand” - O filme trata de como a destruição da educação é um projeto articulado a partir de diretrizes internacionais. Disponível em: <https://youtu.be/mHbY0MZ31mI> Acesso em: 29 nov.2017.

manutenção de uma escola dentro do que eles entendiam ser uma necessidade para a subsistência além de preservar valores culturais, sociais, valores da terra entre outros são literalmente massacrados pelo capital estrangeiro e seus interesses de capital e lucro. Este outro documentário aponta também uma destruição de valores através da globalização que destrói tudo que difere de seus conceitos ideológicos exterminando costumes, tradições, e até pessoas. Alunos, pais e professores fizeram passeatas contra a privatização das escolas técnicas, exigência do Banco Mundial e FMI, mas o Governo aliado dos detentores do poder mundial, respondeu fechando-as de imediato. Quando os professores e alunos ocuparam escolas, foram presos e torturados em prisões de segurança máxima. Centenas de professores segundo o documentário, foram mortos ou desaparecidos no país. Houve situações de abuso de professoras que para manter seus salários e conseguir dobrar de trabalho tiveram que se submeter a prestar favores sexuais para poder sobreviver.

Questiona-se o papel do professor dentro do sistema do neoliberalismo e como que as transformações da atividade foram violentamente submetidas às intenções do governo local. Aqui nota-se que existiu uma necessidade de aplicação de força física abundante, pois, um país que tem por atividade a relação com a terra muito mais próxima da produção para manutenção de sobrevivência, não teria necessidade de grandes hipermercados com padrões da cultura americana que estava sendo proposto.

A destruição das escolas de tempo integral e técnicas onde se aprendiam técnicas de plantio para a subsistência da família não poderiam ser associadas à introdução do modelo americano de educação e ao sistema de consumo que estava sendo idealizado sem o conhecimento do povo mexicano.

“É uma ditadura imposta disfarçada de democracia onde se diz a todos os países que tem se igualdade de direitos, mas que na verdade não passa mais do que um direito de obedecer (Bertioga Z, 2016)” segundo o Autor Eduardo Galeano um dos entrevistados do documentário.

No México os professores são vistos como líderes sociais e isto talvez explique a violenta repressão do governo aos movimentos ocorridos e o fato de mortes e desaparecimentos dos maestros – professores como são chamados no México. O termo “Charros” (citado no vídeo) é usado como identificação de professores que se submetem ao regime opositor traindo assim seus colegas e colaborando com o sistema opressor. O ano de 1980 foi um ano de grande expressão na luta pela manutenção da educação mexicana e, em 1985. Após o terremoto que vitimou mais de dez milhões de pessoas e com 60% (sessenta por cento) de seu orçamento comprometido com a dívida externa o México se encontrou em uma situação ainda mais complicada. Com a posse do Presidente Carlos Salinas em 1988 o país emerge em um clima político explosivo devido à continuidade de corrupção no novo governo. Houve uma troca de representante sindical (uma vitória para o movimento de professores) e posteriormente a mudança de presidente – um ex-diretor da Coca-Cola internacional mexicana que administrou o país como se administrava a multinacional.

Tanto que em consequência das mudanças na educação e das tradições do povo, a rede de hipermercados Walmart se torna uma potência no país devido a acordos de comércio entre Estados Unidos, Canadá e México. Com o tratado de livre comércio que entrou em vigor em 1994 e nos anos seguintes, a queda do salário-mínimo em 20% de seu valor e a criação de inúmeras fábricas têxteis na fronteira mexicana dobrou. Isto acarretou a quase extinção dos pequenos negócios mexicanos elevando a rede de hipermercados Wallmart no ano 2000 a maior rede varejista do país.

Sem dúvida estas situações modificam e desestruturam toda uma nação principalmente quando tem modificadas suas heranças históricas e sociais que construíram e mantiveram vivas as bases ideológicas desta nação.

As formas de operação como vemos variam de local para local, porém, o objetivo de modernizar, de industrializar de apresentar um modelo único

padronizado do que se chama cultura social, de educação moderna é o mesmo que atropelam valores, individualidades, padrões culturais e sociais em nome de um bem comum, mas que não se sabe para quem ou por quem isto ocorre.

Esta é uma ditadura disfarçada de democracia, onde se diz a todos os países que eles têm igualdade de direitos, mas na realidade não temos nada além do direito de obedecer aos pouquíssimos países que mandam. (Bertioga Z, 2016)

Esta afirmação do escritor coloca em conformidade com a realidade vivida por outros povos abordados nos demais documentários anteriormente citados e o objetivo de sua colocação foi justamente o de apresentar a variedade de situações que envolvem a temática da informação e do conhecimento aqui elencados.

3. ADOLESCENTES, TRABALHO E A GERAÇÃO DO “EU ME ACHO”.

Grande parte dos estudantes no Brasil trabalha meio período ou o dia todo estudando no período noturno. (Larreira, 2015) Temos programas de iniciações profissionais como o Programa do Menor Aprendiz⁶. À escola também foi confiada a tarefa extrafamiliar de preparação dos jovens para a vida social.

Porém, com as mudanças de paradigmas, mudanças nas relações sociais de trabalho e avanços tecnológicos houve uma difusão social e isto ocasionou uma exigência de competências mais elaboradas que não estavam nos contextos aplicados pelo regime escolar. Toda esta gama de competências se deve ao desenvolvimento industrial que por sua vez exige uma adaptação quase que constante em seu uso e costumes que influem diretamente na vida das pessoas como apresentado nos documentários anteriores.

Toda esta grande quantidade de modificações chega até a escola de uma forma muito rápida onde em muitas situações, até mesmo sem passar pelo espaço familiar e exige competências que muitas das vezes são completas novidades no ambiente escolar. Um exemplo simples seria uma aparelhagem de audiovisual que até pouco tempo não era dominada por todos os professores de uma instituição ou outra. Esta constatação pôde ser percebida quando estagiei em algumas escolas em Uberlândia MG. Por vezes me deparei com equipamentos que estavam parados nas escolas por falta de conhecimento dos docentes na utilização ou manuseio do mesmo. Talvez algo difícil para a geração de professores, mas, muito simples para os alunos já acostumados com as novas tecnologias.

⁶ ⁶ É um projeto do governo federal criado a partir da lei de Aprendizagem (Lei 10.097/00). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10097.htm acesso 28/11/2017.

No dia a dia das pessoas e pela utilização constante fora dos ambientes escolares parece normal, mas dentro de uma rede de ensino pode ser observado como um atraso ou uma falta de capacidade até do próprio docente. Esta preparação pode ser entendida como deficitária ou até incompleta pelo aluno e desta forma, diminuir o interesse em estar dentro deste ciclo de escolarização obrigatória para esta formação do cidadão.

Se de um lado temos alunos que não conseguem se encaixar nos processos educacionais vigentes, há outra realidade também posta no meio educacional.

Constantemente, nos deparamos com situações onde alguns alunos nas salas de aula são considerados ou se auto intitulam “suprassumos” dentro das salas de aula. Nas mais variadas situações se notam esta realidade. Em um artigo de uma revista de circulação nacional⁷, uma de suas matérias me chamou a atenção.

Na foto da capa da revista estava uma criança loira com uns óculos estilo “Ray-ban” sentado trajando calça jeans, uma camisa dupla face, e do seu lado em letras em negrito a frase: “Eu me acho”.

A fotografia gerou momentos de reflexão de minha parte, pois achei interessante uma foto onde uma criança que, supostamente não deveria saber falar direito, apresentada de uma forma a ter condições de expressar na sociedade com estes termos já bem altruístas e com tamanha força de expressão. Questionei-me se realmente a sociedade de nosso tempo avaliam as crianças com este poder de decisão ou se lhes é imputado uma condição que na realidade inexistente nesta faixa etária.

O artigo fazia alusão ao comportamento de pais e também mestres com relação à educação moderna e seus excessos. Ao iniciar a leitura constatei que era um fato acontecido nos Estados Unidos referentes à fala de um professor em uma formatura de ensino médio que através de seus dizeres impactou a nação americana naquela época.

⁷ GUIMARAES C, KARAM L, AYUB I. A turma do “Eu do meu acho”. Revista Época – Edição 739 Jun.2012. Disponível em.: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/07/turma-do-eu-me-acho.html> > Acesso em: 2 fev. 2009

O professor David McCullough Jr. proferiu em seu discurso as seguintes palavras: “Ao contrário do que seus troféus de futebol e seus boletins sugerem, vocês não são especiais” disse logo de início.

A princípio não soaria estas palavras aqui em nosso meio como algo estarrecedor, porém, em um país onde os enaltecimentos dos feitos notáveis são um alto ingrediente que dita o sucesso futuro, esta declaração se tornou bombástica.

Começava aí uma discussão que levaria a se questionar o que e como estão se formando os futuros profissionais do mercado norte-americano e porque muitos têm se tornados adultos com comportamento muitas vezes infantis.

Para a surpresa do orador, na semana seguinte e-mails, canais de TVs, jornais estavam a sua procura para entrevistá-lo.⁸

Não sabia ele que tocará em um ponto extremamente delicado na sociedade americana e ainda mundial. A questão da supervalorização da autoestima.

Pessoas que se acostumaram a ter e poder adquirir quase tudo para se preparar para uma vida de excelência, mas que depois acabam descobrindo outra realidade.

Dentro do campo da educação esta questão também é bastante relevante se dedicar um olhar especial no sentido de educação real e preparo para a vida que segue após o término de estudos em qualquer fase da vida.

Segundo Keith Campbell, psicólogo da Universidade de Geórgia e coautor do livro *Narcisism epidemic* (Karam, 2012), sem tradução para o português, estes jovens precisam saber que eles não são vistos pelas pessoas como os seus pais os veem.

⁸GUIMARAES C, KARAM L, AYUB I. A turma do “Eu do meu acho”. Revista Época – Edição 739 Jun.2012. Disponível em.: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/07/turma-do-eu-me-acho.html> > Acesso em: 2 fev. 2009

Foram crescendo se achando os melhores filhos, melhores alunos, e sendo assim ao adentrarem no mundo real, são os outros que não se ajustam a eles por não serem tão bons e perfeitos como eles foram sendo conduzidos a acreditar.

É um reflexo que de certa forma impede o processo de educação dentro de uma escola onde os padrões são diversos e não são baseados nos padrões destes jovens. Segundo Campbell (Karam, 2012), estes grupos se acham os mais competentes no trabalho, se acham merecedores de constantes elogios e rápido reconhecimento e algo contrário seria falha ou de sistema ou de outra natureza. Nunca o problema está ou se vincula a eles. No ambiente escolar, não é diferente se estiverem em locais de classes sociais diversificadas. Professores neste momento são os ruins incapazes ou incultos onde vemos até a troca de docentes em função da vontade de uns em detrimento a outros (universidades e escolas particulares).

A que caminhos levam este tipo de comportamento em uma sociedade onde a informação é de livre acesso para a maioria? Como se transita o conhecimento em uma sociedade que tem se dado ao luxo de valorização de uma autoestima elevada a estes termos?

Os aconselhamentos da matéria foram para os pais não inflar a autoestima da criança, pois este não é o melhor caminho para a vida adulta e, para os mimados já crescidos, a orientação foi de que é possível combater na vida adulta os efeitos de uma educação permissiva em excesso.

Sendo a escola um campo de formação intelectual, o papel dela muitas vezes é mal interpretado e constantemente nos deparamos com a confusão existente neste campo onde alguns acham que ela (a escola) teria uma função de formar caráter. As questões de impor limites, saber dizer um “não”, incentivo a autonomia, entre outras coisas são desenvolvidas no espaço do lar e não da escola. A partir da participação ou não de pais na formação e acompanhamento da vida de seus filhos no espaço domiciliar, estas realidades podem ou não se desenvolver.

Com a velocidade das ações e responsabilidades, estas atividades têm se tornado escassas, mas continuam a ser fundamentais na vida cotidiana. Atribui-se a esta visão distorcida (da função da escola) que se inicia no espaço do lar e é transferida para a escola parte da dificuldade de relacionamento entre escola-aluno, pais-filho, informação-educação e nos conduz a busca de soluções para o conflito entre o papel da escola no sentido do ensino e do conhecimento. O horizonte que se delineia a nossa frente será uma geração de narcisistas sem rumo e com inúmeras dificuldades para lidar com as críticas e aprender com seus erros. Muitos jovens, não conseguem e não conseguirão se acertar em nenhuma carreira. Outros irão para as terapias ou tratamentos alternativos buscando compreender onde erraram.

Desta forma e dentro do contexto analisado acredito que a utilização da autoestima não é de forma alguma perniciosa a vida humana. A forma de aplicação ou utilização é que precisa ser avaliada.

4. EDUCADORES, PENSADORES E SISTEMA DE EDUCAÇÃO

São diferentes os pontos de vista encontrados neste estudo sobre o problema da educação, da informação e do conhecimento. Após várias leituras, várias visualizações de palestras e documentários sobre o tema, houve várias citações e falas que gostaria de discorrer em um mais amplo debate, mas, percebi que a complexidade e o dinamismo do tema não estariam no mesmo sentido desta abordagem.

Muitos são os envolvidos com o pensamento das situações que envolvem a educação. No Brasil, o falecido psicanalista e ex-pastor presbiteriano Rubem Alves, que nos deixou no ano de 2014. Dizia ele em seus primeiros três minutos do vídeo (Mattos, 2011) a escola ideal que pensava em propor um novo tipo de professor. Um professor que não ensinava nada, mas, que promovesse o espanto. Afirmava ainda que o objetivo da educação não seria o de ensinar e sim de estimular a curiosidade. “Para mim esse é o objetivo da Educação; criar a alegria de pensar”, (Rubem Alves, 2017) afirmou.

Confesso que desconhecia este pensamento de Rubem Alves quando antes mesmo de começar a escrever já pensava na relação socrática de ensino a qual me referi anteriormente e este pensamento fortalece a ideia que este poderia ser um dos caminhos a serem adotados no sentido de melhorar estes processos de educação, informação e conhecimento. Adiante, ainda no mesmo vídeo, o citar a famosa escola da Ponte⁹, diz também que seria preciso ter uma educação ligada com a vida porque este é o sentido de aprender: para viver melhor, ter mais prazer, mais eficiência, poupar tempo.

No contexto atual da sociedade as mudanças são constantes e cada vez mais velozes, praticamente em todas as áreas do trabalho, nas formas de se

⁹ A escola da Ponte é uma instituição pública de ensino, localizada em Vila das Aves e São Tomé Negrelos, em Santo Tirso, no distrito do Porto, em Portugal

comunicar, nos transportes. Nós seres humanos, não possuímos em nossa forma biológica a mesma velocidade para absorver e nos adequar a estas transformações. No século vinte, a sociedade passou a ter informação como nunca. Os avanços tecnológicos de todo o século XX, levaram a crer que o século XXI seria o século do conhecimento. Um mundo dinâmico, rápido, tecnológico e integrado. Mas para alguns que se dedicam ao estudo sobre a educação, a escola não conseguiu acompanhar este ritmo acelerado e de constantes mudanças.

O professor Ireno Antonio Berticelli ¹⁰, doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), afirma:

Escola como espaço idealizado, esta escola convencional acabou. Hoje, os meios de comunicação, os meios informáticos diluíram a escola... Completa seu pensamento dizendo: "... tempo e espaço foram reconfigurados na pós-modernidade, o tempo moderno acabou. Nós vivemos hoje na flecha do tempo, ou seja, o pendulo é o símbolo de um tempo que não existe mais." (UNOWEBTV, 2015)

Segundo o referido professor, o conceito de tempo hoje é o tempo de flecha e este tempo não é reversível. Ele também reconhece que estamos em uma encruzilhada. Neste quesito do tempo me questiono se o tempo das transformações evolutivas é correspondente à formação dos seres humanos. Questiono em meus pensamentos também se estamos estruturalmente adaptados a esta constante exigência de velocidade da sociedade atual e o papel da educação, da informação e do conhecimento neste circuito de formação dos seres humanos. Voltando ao documentário da UNOWEBTV, são ainda apresentados no vídeo tecnologias capazes de ajudar na educação como os videogames, sensores, circuito interno, GPS, tabletes, nuvem, ambiente virtual, simuladores, robôs são algumas das tecnologias que poderão estar ou já estão vinculadas às redes de ensino.

Penso que a simples substituição da lousa por um tablete não são condições de transformação e produção de conhecimento. Não se pode nas escolas ter a postura de simples transmissão, de reprodução.

¹⁰ Documentário: A Educação e os desafios do nosso tempo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xK mzke6qH5A>. Acesso em: out 2017

Talvez o grande paradigma dos processos de ensino esteja relacionado a interpretação e aplicabilidade da informação para realmente se produzir conhecimento. Muitas são as formas disponibilizadas para a obtenção de informação. Isso foi percebido nas falas dos textos lidos, nos vídeos vistos e analiso que por vezes as palavras informação e conhecimento nestes materiais em alguns momentos pareceram sinônimas as palavras. Elas não o são dentro do processo educacional. Pelo menos não as considero assim.

Outro professor, Hilário Junior dos Santos – Mestre em Comunicação Social afirma no mesmo videodocumentário (Unowehtv, 2013) citado anteriormente que a sala de aula parou um pouco no tempo de forma que as poucas tecnologias que estão nas salas são ainda os livros, giz, quadro, mas, isto está já com seu tempo contado e a tendência é a expansão do ambiente das salas escolares. Neste novo paradigma, não basta só obter a informação, é preciso buscá-la, renová-la, e, transformar esta informação em funções psicológicas superiores, ou seja, em habilidades de lidar com o inédito. Esta é a mudança segundo afirma no mesmo documentário a Doutoranda em educação Tânia Maria Zancanaro Pieczkowski.

A tecnologia assumiu um papel jamais visto antes. Mas não se sabe ao certo a serviço de quem ou o que ela está.

Nossa geração transformou-se muito em todos os aspectos com o advento das tecnologias. E por certo, todo o processo de transformações sociais e as relações humanas também sofreram modificações.

Avaliando estas modificações não poderia deixar de citar três pensadores que influenciaram e influenciam tanto a sociedade envolvida nos processos escolares como também sociais. Com mais de uma década de estudos em suas áreas é preciso sintetizar um pouco o pensamento de ambos.

5. EDUCAÇÃO GLOBALIZANTE OU GLOBALIZADA

Dentre os diálogos pesquisados e entrevistas lidas e citadas anteriormente, destaco a do professor Jorge Larrosa Bondia, da Universidade de Barcelona (UNIFESPTV, 2017) que ao iniciar sua fala apresenta que o problema da educação discutido na Espanha, deve ser o mesmo em outras partes do mundo. O formato da escola pública está sendo questionado sobre vários pontos de vista. As questões da globalização, mercado de consumo, mercado de trabalho dentre tantas outras não estão em sintonia com o formato de ensino que ainda persiste no ambiente de ensino. Cita também o atraso em relação ao tempo escolar e o tempo social vivido.

A este fato atribui se a falta de motivação dos alunos, pois, a escola segundo observa o professor está separada do mundo pós-alfabético. Larrosa atribui também ao problema da escola, a distorção entre o mundo do trabalho e o sistema educativo. Formação profissional e empregabilidade estão fortemente inseridas no contexto social, porém, em lugares diferentes na educação pública tradicional. Acredito que não parece ser somente na Espanha, pois, no Brasil, o número de escolas e cursos técnicos cresce assustadoramente.

Segundo fontes da Secretaria do Estado do Rio de Janeiro, de 2010 a 2015, o número de alunos que tem deixado as escolas particulares e ingressando nas redes públicas vem aumentando. Também em São Paulo o fenômeno acontece, porém com percentuais mais elevados que no estado do Rio de Janeiro. A questão da quebra de valores sociais que existem ainda na escola e não são tão representativos na sociedade também contribui para o aumento desta crise segundo o professor. (UNIFESPTV, 2017) diz Larrosa.

Bem, os dizeres de um professor espanhol não são muito diferentes do professor António Nóvoa – Reitor da Universidade de Lisboa que em Outubro de

2006 esteve em São Paulo a convite do Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo¹¹ para proferir palestra sobre reflexão sobre os dois maiores impasses em que vivem todos os que atuam no campo da Educação: a crise de identidade da escola e os efeitos disso na concepção e na prática da atividade profissional.

Apesar do evento de ter sido realizado há mais de dez anos, os problemas são recorrentes (absenteísmo na carreira docente, depressão, agressões, etc.) e cada vez mais ampliados e, já há muito tempo preocupam também as universidades.

Ainda nos comentários do Professor Larrosa, há de se destacar que dentro da relação entre público e privado, é preciso saber como defender uma ideia pública de educação em um mundo onde o público já não interessa mais a ninguém.

O Professor cita ainda no documentário que acredita que esta rápida desintegração do que é público faz com que as privatizações acabem por assumir o papel do estado com relação às redes da educação e com isso implementem suas lógicas de funcionamento que não teriam compromisso com o público, com a formação do cidadão como seria a proposta inicial apresentada na educação pública.

A estes comentários associam-se as proposições de Zygmunt Bauman que, em seu livro *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2001, p. 110), com tradução de Plínio Augusto de Souza Dentzien nos apresentam também as mudanças ocorridas na sociedade, com definições de tempo e espaço e que indiretamente atingem todas as estruturas dentro da sociedade inclusive a escola, a informação e conhecimento que entendemos estarem dentro do contexto do livro mesmo que subentendidos.

¹¹ Livreto: Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo. Jan 2017. Disponível http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novo/livreto_novo.pdf. Acesso em: 15 Ago.2014.

Para o autor, que possui uma interessante entrevista (CPFL/CAFÉ FILOSÓFICO, 2015) dada ao cientista Político Fernando Shuler e o jornalista Mário Mazzilli na Inglaterra onde, segundo o autor, vivemos em uma sociedade em que as relações não são duradouras, em que o poder está desterritorializado e que o espaço e o tempo não compõem mais as duas faces de uma moeda. O tempo pode ser superado pela velocidade, enquanto o espaço pode ser ultrapassado pelas tecnologias que permitem conhecer o mundo em apenas um só clique de botão.

Desta forma, a velocidade passa a ser uma característica marcante da contemporaneidade. Retomo aqui o pensamento desta velocidade associado às transformações biológicas do corpo. Não se pode afirmar ainda se possuímos estas condições de transformações biológicas que nos condicionem e nos capacitem a absorver tão rápido estas mudanças. Não acredito ser possível discorrer muito sobre este tema, pois se atribui neste sentido o caráter biológico das estruturas humanas.

Ao término das leituras propostas e das apreciações visuais dos documentários citados anteriormente, pude perceber uma relação inequívoca com o tema que me produz a estudar e reproduzir nestas linhas, pois, tanto o livro quanto as entrevistas tratam de um contexto de uma mudança global, mas que não emerge globalmente, mas é imposta como se fosse um discurso universal, porém, não se sabe ao certo quem propõem estas questões ou para que as propõem. Tanto nos textos e nos documentários é apresentado algo como um sistema que atinge a todos e ao mesmo tempo qualquer um e que em um dado momento é percebido como algo social, econômico ou até um monstro de várias cabeças (granito de areia) que de uma forma ou outra atinge a todos impondo seus ditames e transformando vidas e pessoas em uma sociedade que se globaliza mesmo que sem vislumbrar as consequências destas transformações.

A estas possíveis consequências fazem-se necessário aqui uma ponte referindo a já comentada palestra do professor português António Nóvoa que, citou em sua palestra três dos principais pontos que levaram a educação – segundo ele, ao estado em que chegou. Em primeiro ponto as políticas públicas erradas, em

segundo, os interesses privados e em terceiro, as ilusões tecnológicas (Sindicato dos Professores Municipais de Novo Hamburgo, 2017)¹²

Mesmo a solução para estes e outros problemas apontados estando vinculados à ação de esforço coletivo profissional, é preciso que lembremos que a este sujeito coletivo profissional estão vinculados os interesses privados que tem dominado economicamente o espaço de investimento na educação.

A velocidade das transformações ocorridas no espaço social são diretamente produtoras de instabilidade no espaço educacional em todas as esferas tanto públicas como privadas ou educação básica ou universitária.

A revista brasileira *Mente e Cérebro* publicou uma chamada de matéria do neurocientista brasileiro Robert Lent onde afirma que é preciso construir uma ponte de troca de informações entre professores e estudiosos do cérebro. A medicina tem sinalizado estudos sobre transferência de informações diretamente cérebro a cérebro e por esta razão vê a necessidade de aproximação destas duas áreas afins.

“O educador está no chão da escola e sabe de coisas que nós cientistas ignoramos completamente” (*MENTE E CÉREBRO*, 2015, p. 5).

Claramente percebe-se com esta afirmação uma dificuldade de relacionamento e também à distância de tempo e espaço entre estes dois campos do conhecimento além das mudanças futuras que podem ainda surgir no campo de atuação docente.

¹² Palestra “Desafios do Trabalho e Formação Docente do Século 21” Novo Hamburgo, 31 Maio 2017.

6. A SOCIEDADE E O TEMPO RECONFIGURADO

Diante de tantos comentários, tantas informações, me apercebi a divagar sobre as leituras e os vídeos em que me baseava para a realização deste trabalho. Voltei meu pensamento à ascensão da burguesia onde a escola começa a ser pensada para todos e com novo tipo de saberes elencado através da ciência e viam neste novo tipo de saber, um meio de se desvincularem das escravidões intelectuais. Neste sentido, fica claro que não foi uma luta fácil. Estavam em questão a modernidade oriunda do progresso e a felicidade.

Penso que as ciências se impuseram sobre as chamadas humanidades (teologia, filosofia, direito e letras). O avanço das ciências as novas descobertas, as formas de saber e conhecer através de novos instrumentos de informação mudaram e avançaram enquanto que a escola se manteve distante destas realizações.

O professor que antes se baseava nos livros didáticos, se depara com vários instrumentos novos que propiciam novas informações e conseqüentemente, fica à mercê destes novos instrumentos recém-apresentados ao ambiente escolar. As adequações se fizeram necessárias no sentido de manuseio deste instrumental. Entendo que o advento da modernidade afastou do papel dos pais as responsabilidades que antes eles tinham. A mãe, que passa a trabalhar cada vez mais fora de casa, tem seu espaço de primeira “instrutora” dos filhos substituídos ou por uma terceira pessoa que pode ser hoje representada por uma empregada ou mesmo a avó, que a substitui no trato com as crianças. As crianças, estas, vão para as escolas cada vez mais cedo e perdem um aprendizado que antes era ministrado em casa pelos familiares.

Estas mudanças ocorridas na sociedade trouxeram consequências maléficas aos dois lados. O convívio diário dos filhos com os pais foi diminuindo e ampliou o afastamento da convivência no lar. A escola, através dos métodos educacionais e seus professores que antes tinha a função de ajudar na preparação de jovens para a vida social, passam a ter quase que uma obrigação de cumprir este papel tendo em vista que não participa do ambiente familiar de seus alunos. Era dever da família, e depois, da família junto com a escola, tratar desta formação social, os alunos hoje vão perdendo a capacidade de entendimento da classe adulta, mais próxima aos professores e por sua vez não tendo um relacionamento com os pais em sua maioria não conseguem administrar muito bem o convívio com os alunos dentro do ambiente estudantil e os reflexos que vemos na sociedade são transformados em agressões verbais e físicas devido a conflitos de gerações mal administrados neste campo de relações.

O mercado de trabalho, a meu ver, é um dos grandes responsáveis pelo distanciamento destas relações, está sempre a exigir qualificações e isto também é contabilizado quando se trata de organização do ensino. Quando faço referência ao mercado de trabalho me refiro também às mudanças ocorridas nas formas de trabalho que merecem serem apresentadas, pois, apesar de hoje não ser mais necessário tirar as pessoas de casa para trabalhar fazem com que se alienem em seu mundo do trabalho sem sair de casa e são frequentes as afirmações de que mesmo estando presentes em casa fisicamente, os pais permanecem ausentes na participação social no lar.

Faço um parêntese sobre esta questão da alienação citando um fato, pois, ao receber a visita de um amigo em casa que trabalhava em uma empresa de tecnologia, percebi a quantidade de medicamentos que o mesmo fazia uso e, ao indagá-lo sobre o que era aquilo ele me relatou que estava trabalhando demais e mesmo estando nos melhores hotéis das cidades onde era constantemente chamado para analisar problemas das empresas, não conseguia descanso suficiente.

Ao ouvir estas afirmações lhe perguntei se lembrava do famoso filme de Charles Chaplin chamado Tempos Modernos. A resposta foi positiva e logo após me perguntou o porquê eu lhe havia perguntado sobre o filme. Respondi com apenas uma palavra. - O Relógio. Discorremos então sobre uma parte do filme e esclareci que observava que o relógio deixou a parede e internalizou-se em nós como sociedade e que, no caso dele eu via um problema ainda maior, pois, em vez de se trabalhar seis ou oito horas, a função dele absorvia mais tempo, pois o instrumento de trabalho era a mente, vinculada à responsabilidade de promover soluções cada vez mais rápidas e eficientes isto, no mercado de trabalho, tempo é dinheiro. Apesar de não ter horário para começar a trabalhar na sua empresa, ele não percebia que só estaria livre da tarefa ao realizá-la com êxito, ou seja, resolver a situação que estava gerando problema.

Transferindo para o campo educacional, eu, sendo professor, teria uma metodologia inicial, mas ao longo da carreira teria uma sistematização no trabalho que me garantiria uma melhor condição para exercer as funções laborativas com aparente facilidade por ter um quantitativo de pontuação a distribuir, uma quantidade de provas para corrigir e poderia coordenar este tempo para ter um descanso maior (em tese).

Já no caso dele, ao sair de uma situação-problema, logo outra situação completamente diferente surge e, a cada momento, exigindo mais resolubilidade com fluidez nas decisões. Algo a se considerar dentro do tema de formação e qualificação que são exigências presentes e constantes no mercado de trabalho. O crescimento e facilidades de aquisição das novas tecnologias apareceram como algo fantástico na formação educacional, mas, seria isto uma verdade absoluta? Se a resposta fosse para mim afirmativa, sobre quais aspectos isto se daria? Com as modernizações no processo educacional, os professores tiveram como acompanhar esta evolução na velocidade desejada ou ficaram sem direção no que tange à inclusão das tecnologias em sala de aulas? Foram alguns destes questionamentos

que se somaram às minhas reflexões e aos meus devaneios por encontrar este problema presente nos estágios por onde passei.

Temos hoje em nossos dias a geração com maior possibilidade de acesso à informação do que nos últimos anos, pelo fato do advento dos mecanismos diversos de informação. Porém, esta informação tem contribuído com a formação destas pessoas? Segundo o filósofo, teólogo e Pastor Neil Barreto¹³, os veículos de informação como a ferramenta do Google e outras, trazem informação e não formação e por isto, esta geração, não consegue transformar nada porque a informação sem formação não conduz à transformação social nenhuma.

Exemplifica com uma questão muito simples: Cita que quando vemos uma tomada de energia, podemos receber a informação do que ela é e o que representa; porém o poder que ela tem será absorvido se em algum momento de alguma forma potencializar seu poder através de um choque, a pessoa que experimentar o mesmo, terá um conhecimento e não só a informação que a tomada representa este conhecimento adquirido será marcante e ultrapassará a informação, pois estará registrado como memória permanente e não temporária apesar de ambos saberem o que ela representa uma pessoa, (no caso a pessoa que absorveu o choque) terá um conhecimento que ninguém tirará dela, pois absorveu a experiência.

Expressa assim a diferença entre informação e conhecimento. E alerta ainda para a questão mais ampla do afastamento das humanidades que estamos vivendo.

As palavras não exprimem sentimentos e com as tecnologias de comunicação o falar pelas redes sociais têm sido mais efetivamente realizado do que as relações humanas reais. São produtos da modernidade efetuadas de forma

¹³ Fórum: A geração que não passa o bastão. 13 Jan de 2014. Disponível em: <
<http://www.irmaos.com/mi060-forum-a-geracao-que-nao-passa-o-bastao>> Acesso em: 20
Jan.2015.

que substituem as relações afetivas reais. O que nos mantém humanos são as relações vitais, humanas e não as virtuais. Segundo o filósofo estamos perdendo a condição de nos relacionarmos através do diálogo, do toque, da aproximação física, do contato através de um abraço, de um aperto de mão, etc.

CONCLUSÃO

Vivemos em uma sociedade de consumo e não podemos esquecer que as tecnologias estão a serviço de muitos segmentos da vida pública inclusive a educação. Elas são utilizadas na educação adaptada ao processo de ensino.

A sociedade em que vivemos está em constante movimento e a velocidade das transformações atinge o ser humano sobre vários aspectos que dificultam a percepção devido à fluidez das formas e das situações que acontecem de local para local. Este fator pode desencadear ao invés avanços significativos ou ainda retrocessos que refletirão nas questões de relacionamentos entre as pessoas.

Esta quebra de valores, as fluidez das relações interpessoais que vão sendo substituídas pelas relações virtuais nos apresentam um futuro incerto Segundo as análises dos vídeos e palestras tanto de Bauman (2001) quanto os pensamentos do professor Larrosa (2013) isto tem sido apresentados à sociedade.

Não fazemos memória apenas com a informação no sentido da flecha do tempo proposta pelo Professor Ireno Berticelli (2006) ao qual a escola não consegue acompanhar. São cobrados conhecimentos adquiridos e a este conhecimento, atribui-se à capacidade interpretativa que produzira conhecimento através do recebimento da informação, do processamento desta informação através do exercício do pensar, do pesquisar que observo ser no sentido de um devir desta informação inicial. Um sentido contrário ao da flecha. O sentido mesmo de um pêndulo dos antigos relógios de parede. Talvez seja este o desafio da proposta do tema adstrito: estabelecer um elo entre esta flecha veloz da informação com o pêndulo desta transformação da informação em conhecimento. É preciso ampliar as discussões sobre o papel da escola no auxílio a produção do conhecimento através

da transformação sugerida pela doutoranda Tânia (vídeo Unowebtv) que faz com que a informação se converta em funções psicológicas superiores, o que eu normalmente chamaria de produção de conhecimento e que desta forma estariam contempladas dentro do papel da escola.

“Penso que a escola deve participar do processo de mudança, repensando as diversas questões provocadas pelo uso do computador: se as novas tecnologias trazem novas formas de ler, de escrever, de agir e pensar, a escola necessita discutir e entender o significado e as consequências desses fatos novos.” (Fróes)

É preciso analisar também a quem interessam os processos de mudanças na educação e na formação de conhecimentos e periodicamente avaliar seus efeitos não somente financeiros, mas sociais e suas vantagens para as populações no mundo afora.

Enfim foram apresentadas várias interpretações das dificuldades encontradas no ambiente escolar tanto públicos como privados. As necessidades que envolvem a educação, as formas de enxergar esta tensa relação entre informação e conhecimento onde a situação constitui-se em um problema de adequação mundialmente reconhecido e discutido. Existem necessidades reais e necessidades fabricadas ora pelos setores de econômicos e de consumo, ora pelos setores sociais que em sua maioria não conseguem manter as estruturas de ensino pelos fatores apresentados como a fluidez social e moral, desordem financeiras entre outros fatores que assolam as nações. As ideias de autonomia das universidades (como a de Viena na Áustria) citadas no documentário do professor Larrosa que não dependiam de políticos, do estado ou dos empresários já caiu por terra. O tempo em que a universidade estava envolvida com o conhecimento a liberdade e a sua autonomia já não existe mais.

As grandes corporações estão cada vez mais assumindo o espaço e as decisões nos modelos educacionais através das privatizações e das escolas particulares e universidades voltadas ao mercado de trabalho e aos meios de produção.

A nossa grande dificuldade hoje está em obter respostas às questões como a de como manter uma ideia séria de educação em um contexto social novo (Sociedade Líquida) ao qual nos submetemos.

Vimos que a todo o momento a educação é objeto de interesse desde a mais tenra idade até a fase adulta (Educação para o Trabalho).

O professor educador se depara com realidades distintas de formação em seu ambiente escolar. A soma dos fatores que envolvem esta geração de jovens estudantes tem produzido estudantes que no geral são uma geração que se torna de um lado conflituosa e desanimada e, por outro lado uma geração que se acha preparada para enfrentar o desconhecido.

Ao que foi possível perceber, a Finlândia tem adotado métodos que produziram efeitos positivos quanto a relação entre o seu sistema educacional e a modernidade. Porém, as formas com que estes fatores se apresentam não são homogêneas e a adequação responsável em cada local deve ocorrer observando os fatores sociais, culturais, religiosos que estruturam cada grupo humano envolvido, ou seja, acredito não ser possível manter esta liquefação das estruturas sociais que se solidificaram com o tempo diante destas bases de formação social das comunidades instituídas sem avaliação dos efeitos reais e das consequências futuras.

O espaço de discussão da humanidade representada pela Ágora grega não pode se transformar em espaço virtual. O fator principal das relações humanas está em se conhecer o outro, em analisar as diferenças e as tratar individualmente e socialmente. Segundo Martin Buber, 1974 o ser humano se torna eu pela relação com você, à medida que me torno eu, digo você. Todo viver real é encontro. “O homem é um ser de relação” (BUBER, 1974). Se estes processos de modificação das estruturas sociais darão resultados positivos ou não, somente o tempo poderá apresentar respostas, porém há muito que se pensar e trabalhar com relação aos momentos vividos na sociedade com relação a informação avançando como se

estivesse em um avião supaveloz e o conhecimento humano sendo forçado a competir em igualdade com os mecanismos que a impulsionam e não sustentam.

Os conceitos são subjetivos, mas o efeito desta relação são práticos, perceptíveis e reais à vida humana. Porém não podemos mensurar os efeitos futuros dentro desta nova estrutura social que se transforma gradativa e velozmente.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, P. Adolescentes nem adultos, nem crianças: seres à procura de uma identidade própria. São Paulo: Paulinas, 2004.

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BITTENCOURT, C. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, C. O Saber Histórico na sala de aula. 12º ed. São Paulo: Contexto, 2005. P69-90.

BRASIL, Jornal do. Com crise, cresce procura por cursos preparatórios para escolas federais, técnicas e militares. 06 jan.2017. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/negocios-e-marketing/noticias/2017/01/06/com-crise-cresce-procura-por-cursos-preparatorios-para-escolas-federais-tecnicas-e-militares/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

BRASIL. DECRETO Nº 77.107, de 04 de fevereiro de 1976. Diário Oficial da União - 5/2/1976, Brasília, 5 fev. 1976, v. Seção 1 , n. 1681, p. 1681.

BRASIL. União. Diário Oficial da União - Seção 1, de 04 de fevereiro de 1976. Dispõe sobre a edição e distribuição de livros textos e dá outras providências., Brasília, 5 fev. 1976, v. Seção 1, n. 12480, p. 1681.

BUBER, Martin. Eu e tu. Guarulhos: Editora Parma, 1974.

Kupfer C., Freud M,e a Educação - O Mestre do Impossível. São Paulo: Scipione, 2005.

CARLOS, LC. O conhecimento como compreensão do mundo e como fundamentação da ação. In: CARLOS, LC. Fazer Universidade: Uma proposta metodológica. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 47 COTRIM, Gilberto. História Global – Brasil e Geral – Volume Único. São Paulo : Editora Saraiva, 2005.

NOTA DO TEMPO. Zygmunt Bauman - Estratégias para a Vida. Youtube, 26 dez. 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/E-BnvNL4vaE>>. Acesso em: 3 mai. 2015.

MATTOS, L. Rubem Alves - A Escola Ideal - o papel do professor. 14 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.institutorubemalves.org.br/escutatoria/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Origem da palavra educar. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

DÉCIO, G.J. A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil. Baurú: Edufu, 2004.

FILOSOFANDO CIÊNCIAS HUMANA EM DEBATE. Pequeno grão de areia. Youtube, 21 out. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCGNDw8nsAN36Z3qs3rD04Gw>>. Acesso em: 5 set. 2017.

FROES, J. Educação e Tecnologia: o desafio do nosso tempo. Disponível em: <<https://divertire.com.br/educacional/artigos/6.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2017. GOES, C. Pontos da História do Brasil. Rio de Janeiro: Brasil, 1950.

GUIMARÃES, Camila; KARAM, Luiza. A TURMA DO "EU ME ACHO". EU ME ACHO. SÃO PAULO; n. 739, p. 60-67, jul. 2012.

GUIMARÃES, Camila; KARAM, Luiza. Ideias Para entender melhor. A turma do "eu me acho". n. 739, p. 60-67, jul. 2012.

HAMILTON, Werneck,. COMO VENCER NA VIDA SENDO PROFESSOR. ed. PETRÓPOLIS: VOZES, 2007.

LUCKESI, CC. O conhecimento como compreensão do mundo e como fundamentação da ação. In: LUCKESI, CC. Fazer Universidade: Uma proposta metodológica. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 45-59.

MALUSÁ, S; FELTRAN, RCS. Investigação sobre a atualização docente no ensino superior. In: MALUSÁ, S; POMPEU, CC; REIS, FM. A prática da docência universitária. São Paulo: Factash, 2003. P. 137-174.

MARQUES, MRA. Autonomia ou Flexibilização: o atual dilema profissional docente. In: SGUISSARDI, V. Educação superior velhos e novos desafios. 2 ed. São Paulo: Xamã, 2000. p. 218 -234.

MARTHA, ABREU; SOIHER, R. Ensino de História – Conceitos, Temáticas e Metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MEC. Mutirão pela Educação. MEC vai estimular debate nacional de modelo de ensino que promova a inclusão social. n. 02, p. 08-11, nov. 2003.

MENTE E CÉREBRO. Neurociência e educação: entrevistas com Robert Lent. SÃO PAULO; n. 265, p. 5-5, fev. 2015.

MOURÃO, PKC. O ensino em Minas Gerais no tempo da República (1889-1930) Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, 1962.

OLIVEIRA, JBA. A política do livro didático. Campinas: Unicamp, 1984.

OMAR., K, Walter. A infância escolarizada dos modernos. In: OMAR., K, Walter. Infância entre educação e filosofia. 8 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 60-95.

PEDROSO, T. História do Brasil. São Paulo: Editora Saraiva, 1946.31. PELED-ELHANAN, Nurit. PALESTINE IN ISRAELI SCHOOL BOOKS. New York: I.B.Tauris. Copyright. , 2012.

PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DE ESTUDANTES. No Brasil, 44% dos estudantes de 15 e 16 anos trabalham, mostra ranking. 19 abr. 2017 .Disponível em: <<http://www.andi.org.br/clipping/no-brasil-44-dos-estudantes-de-15-e-16-anos-trabalham-mostra-ranking>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

REVISTA DIGITAL PERSONALIDADES. Rubem Alves - A Escola Ideal - o papel do professor. Disponível em: <<http://www.institutorubemalves.org.br/escutatoria/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

ROCHA, Ronaldo. Grandes Filósofos. Uberlândia: Composer, 2004.

ROMAGNANI, Alessandra. As principais mudanças no século XX. TEMPOS PÓS-MODERNOS. Curitiba; n. 01, set. 2008. p. 17-21. Disponível em: <http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/160329055311TEMPOS_POS_MODERNOS_Coletanea.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2017

SOIHET, Rachel. Ensino de História: Conceitos, Temática e Metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

THOMPSON, Rita. Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem. In: MATTOS, FERREIRA, CARLOS ALBERTO DE. Psicomotricidade: da Educação Infantil à Gerontologia - Teoria e Prática. São Paulo: Lovise, 2000. p. 45-52.

UNIFESPTV. Desafios da Educação. Youtube. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/videos/35668_desafios-da-educacao-jorge-larrosa-bondia-espanha.html>. Acesso em: 12 out. 2017.

UNOWEBTV. Documentário: a educação e os desafios do nosso tempo. Youtube, 05 set. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xK mzke6qH5A>>. Acesso em: 03 jul. 2015.